A ESPIRITUALIDADE EM EDITH STEIN

Thassio de Oliveira Cachoeiro[1]

Paulo Delboni [2]

RESUMO

Considerando que o espírito do ser humano é algo pessoal e inerente à sua condição, o principal foco do presente estudo é questionar a possibilidade da pessoa humana se afastar ou negar o espírito, enquanto categoria antropológica, sem provocar danos à integralidade de seu ser. Outrossim, o artigo visa apresentar as principais características do homem na sociedade, compreender a estrutura da pessoa humana apresentada por Edith Stein, aplicar os conceitos e princípios steinianos à presente sociedade tecnológica e apresentar possíveis caminhos para solução dos dilemas antropológicos presentes a partir da visão de Edith Stein. A análise possui cunho exploratório, com a finalidade de proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses possibilitando reflexão crítica acerca da temática apresentada. O delineamento da pesquisa se dará por meio de pesquisa bibliográfica na qual diversas fontes contribuirão para o clareamento das ideias. Após a conclusão da leitura das obras exploradas, o resultado alcançado demonstrará que a espiritualidade é necessária à realização da pessoa humana.

Palavras-chave: Espiritualidade. Ser humano. Antropologia.

[1] Thassio de Oliveira Cachoeiro. Graduando em Filosofia pelo Centro Universitário Salesiano UNISALES. E-mail: thassioliveira@outlook.com.br

[2] Paulo Delboni. Professor Mestre orientador pelo Centro Universitário Salesiano UNISALES. E-mail: pdelboni@ucv.edu.br

ABSTRACT

Considering that the human being's spirit is something personal and inherent to the condition, the main focus of this study is to question the possibility of the human person to withdraw or deny the spirit, as an anthropological category, without suffering damage to the integrality of their being. Furthermore, the article aims to present the main characteristics of man in society, to understand the structure of the human person presented by Edith Stein, to apply the Steinian concepts and principles to the present technological society and to present possible ways to solve the present anthropological dilemmas from the perspective of Edith Stein. The analysis has an exploratory nature, with the purpose of providing greater familiarity with the problem, with a view to making it more explicit or creating hypotheses enabling critical reflection on the topic presented. The research design will be done through bibliographical research in which different sources will contribute to clarifying the ideas. After completing the reading of the works explored, the result achieved demonstrates that spirituality is necessary for the realization of the human person.

Keywords: Spirituality. Human being. Anthropology.

1. INTRODUÇÃO

O homem, pelo uso de sua capacidade racional, conseguiu ao longo dos séculos realizar grandes empreendimentos, que o fizeram vencer os limites físicos impostos pela natureza, sejam os de seu próprio corpo, sejam as intempéries exteriores (alturas, medidas, clima, temperatura, insalubridade, etc.) Assim foi possível sair das figuras rupestres para alcançar as grandes obras arquitetônicas que alcançam alturas inimagináveis.

Nos últimos tempos, a tecnologia tem alçado novos voos, haja vista que a circulação de pessoas e mercadorias é mais fácil e rápida ou para contatar outro indivíduo se pode dispensar correio. A comodidade, portanto, tem sido um dos objetivos das inovações que diariamente são apresentadas à comunidade internacional. Aplicativos, smartphones, meios de locomoção mais céleres, novas redes sociais, etc. Um mundo cada vez mais conectado, interligado, dinâmico e, aparentemente, sem fronteiras.

A globalização, aliada à revolução tecnológica, encurtou incrivelmente as distâncias entre os países, dando a conhecer o que antes era desconhecido. Atualmente, tornou-se simples, fácil e rápido. Basta uma simples pesquisa no Google e todo um arcabouço de informações aparecem para o pesquisador para se inteirar do que está acontecendo.

A programação artificial é tão admirável que ela consegue até mesmo rastrear os interesses dos usuários para oferta-lhes o que eles buscaram em pesquisas anteriores. Isso e muito mais, são as características da era digital.

Todavia, todas essas inovações, agora em grande escala e em altíssima velocidade, por óbvio geram determinados impactos na sociedade, em todos os âmbitos, em todos os seres, em especial nos seres humanos, seja no sentido interior seja no exterior.

Simon (1989), alerta que a evolução social e cultural desde o aparecimento da agricultura é contínua e em número significante. O homem evoluiu em cultura mais rapidamente do que em biologia, nesse último período, o que levou alguns observadores a pensar na hipótese de que essa evolução ter substituído a evolução genética.

Em contrapartida, sem desconsiderar o benefício desse avanço tecnológico que proporciona uma utilidade em âmbito individual ou coletivo, a sociedade confronta-se com inúmeros desafios. A era da tecnologia é também a era dos relacionamentos

frios, da sociabilidade antissocial, do isolamento do mundo e, via de consequência, do esquecimento de si e do outro.

Percebe-se claramente que as interações sociais ficaram mais distanciadas, cada indivíduo possui para si um mundo próprio e ideal, virtual, em que pode acessar a centenas de milhares de anos de conhecimento sem sair de seu próprio microcosmo.

Assim, a falta de empatia com o mundo e o não enfrentamento com as realidades palpáveis apresentam dificuldades para que o sujeito se conheça a si mesmo pela real interação com as situações da vida.

Desta forma, esquecida de si, a humanidade esquece-se cada vez mais daquilo que, segundo os filósofos mais antigos como Aristóteles, torna o homem um ser humano, sua alma racional, dotada de inteligência, vontade, desejo, liberdade, potencialidades, isto é a verdadeira casa do homem.

O pensamento de Stein é enfático ao afirmar que apenas o ser humano possui essa capacidade de se transformar conforme a evolução da humanidade, uma vez que os animais não possuem tais características podendo apenas ser adestrados para desempenhar comportamentos limitados.

Nesse sentido, uma análise, ainda que breve, da presente realidade parece-nos importante, sobretudo, sob a ótica de Edith Stein, que busca compreender o homem e sua estrutura antropológica, podendo lançar algumas luzes às virtuais trevas que nos cercam.

Stein defende que a formação não se encontra numa posse externa de conhecimentos, mas na forma que a personalidade humana assume sob a influência de multiplicidade de forças vindas de fora, ou então o processo dessa mutação.

Com base nisso, é perceptível que nos dias atuais a formação da pessoa está cada vez mais se consubstanciando pelas influências do mundo virtual, a personalidade se demonstra através de redes sociais pouco se sabendo em o que está por trás delas.

E a recusa em se inserir no novo mundo é algo extremamente complicado e no que concerne a uma análise, desconhece-se se é ou não mais saudável para cada um, ainda é uma incerteza.

2. O HOMEM NA SOCIEDADE

A humanidade inicia sua longa trajetória a partir de duas principais teorias, se bíblica, caso do cristianismo, Adão criado por Deus a partir do barro; se científica, a partir de uma série de evoluções originária do primata. Partindo das duas premissas, basicamente, a formação da sociedade se deu pelo processo de uma família isolada que se juntou a outra família que, por sua vez, se uniu com outras criando uma cidade, formando Estados e chegando aos dias atuais.

Nogueira (2020) leciona que as primeiras sociedades surgiram através da junção de famílias e tribos que se aglomeravam nas margens de rios e em lugares onde havia terras férteis para plantação, possibilitando a riqueza dos alimentos, desenvolvendo a agricultura, pesca e outras formas de sobrevivência.

Para Rousseau (1742), a família é a mais antiga de todas as sociedades e a única natural. Aristóteles afirmava que a sociedade se formou a partir de várias casas, nas quais haviam famílias, se assemelhando à primeira sociedade natural, e cada família com um autogoverno, por norma assente naquele de maior idade, essa sociedade também, inclusive nos dias atuais, fica submetida ao comando de um governante, seja monarca ou qualquer outra forma de liderança.

O filósofo destaca que está na natureza do homem o ser feito para a sociedade e a política, dessa forma, ser humano é acontecer pela natureza e não por obra do acaso. Sua reflexão coloca-o como animal cívico:

> De maneira geral, há uma rede de relacionamentos entre as pessoas que configura a sociedade como um todo. Há, no entanto, características que tornam a sociedade um conceito amplo, complexo e profundo. Ou seja, não basta dizer que é um conjunto de pessoas que moram em determinado espaço.
>
> Uma sociedade funciona como um tipo de pacto social, ou seja, um acordo para que alguns benefícios possam ser obtidos. É necessário que o contrato seja cumprido pelos cidadãos que convivem nessa sociedade (documento online).
>
> Há, portanto, um objetivo comum, precisamente o ponto que restringe o conceito de sociedade. Por exemplo, normalmente uma sociedade é dita sociedade se compartilha hábitos, costumes e aspectos culturais (documento online).

Daqui se infere que já não sendo um ser isolado. Rousseau concebe então o homem inserido numa sociedade, deixando sua condição de liberdade absoluta, pois não se encontra mais só na natureza e, portanto, o posiciona numa situação em que ele tenha de obedecer a um conjunto de regras sociais impostas pela sociedade.

Rousseau (1742) salientou ainda que o homem nasce livre, entretanto, torna-se acorrentado. O autor usa a expressão acorrentado para explicar que a liberdade humana por não ser uma liberdade absoluta, mas condicionada pela vida em grupo, ou seja, por viver inserido numa sociedade daí decorre a obediência às leis.

Durkheim (2007) chama de coerção social a questão de estar obrigado a agir conforme leis e demais regras de convivência social, dessa forma:

> Quando se observam os fatos tais como são e tais como sempre foram, salta aos olhos que toda educação consiste num esforço contínuo para impor à criança maneiras de ver, de sentir, e de agir às quais ela não teria chegado espontaneamente. Desde os primeiros momentos da vida, forçamo-la a comer, a beber, a dormir em horários regulares, forçamo-la à limpeza, à calma, à obediência; mais tarde. Forçamo-las para que aprendam a levar em conta outrem, a respeitar os costumes, as conveniências, forçamo-las ao trabalho, etc., etc. Se, com o tempo, essa coerção cessa de ser sentida, é que pouco a pouco ela dá origem a hábitos, a tendências internas que a tornam inútil, mas que só a substituem pelo fato de derivarem dela (DURKHEIM, 2007, p. 22).

Nessa esteira de se fazer fiel às leis da sociedade, Aristóteles enfatiza ser preciso começar obedecendo antes de comandar, assim, o legislador deverá cuidar principalmente de formar pessoas honestas, procurando respeitar as distinções da alma e dos atos, visando o que há de melhor assim como o fim que se deseja alcançar.

“A pessoa humana é um ser originário que tem a capacidade de ser consciente de sua existência e de agir em conformidade ao que é de melhor para si” (SBERGA, 2014, p. 35).

O ideal do homem grego era, na proposta da Paideia, não a formação do profissional que servisse à Cidade-Estado, mas a formação do sujeito integralmente, sendo ele um ser dotado de inteligência, cujo desempenho implicaria no sucesso ou na ruína do Estado. Nesse sentido:

> “[...] a formação de um ‘homem completo’, moralmente desenvolvido, que não seja só um técnico, mas justamente um homem, nutrido de cultura antes de tudo literária e hábil no uso da palavra, consciente da tradição e que se faz ‘pessoa’, sujeito de caráter” (CAMBI, 1999 p. 96).

Platão acreditava que as pessoas vivem num mundo de ilusão porque tudo no mundo é imperfeito e incompleto e elas são enganadas acreditando que as coisas são perfeitas e completas. Tudo no mundo está em constante transformação e as coisas mudam com o tempo, pois que se afastam de uma forma pura e para se aproximarem de outra.

3. ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DO HOMEM

Platão na obra A República desenvolve a doutrina de que a alma do indivíduo é o Estado em menor escala, de modo que, a virtude do Estado deve gerar pessoas virtuosas, que agem conforme suas aptidões, buscando equilibrar-se não somente pelo agir conforme a natureza de sua espécie.

Aristóteles, mais tarde, desenvolverá sua antropologia não somente a partir da dualidade corpo e alma, tese existente desde as seitas órficas, mas sim de uma unidade antropológica cujos elementos intrínsecos constitutivos do homem são o corpo/matéria e a alma/princípio espiritual.

Nas palavras de Leite (2018),

> Aristóteles foi o mais completo instrumentalista para quem o corpo é certo instrumento natural da alma, assim como o macho é instrumento de corte, ainda que o corpo não seja um machado, mas tem em si, o princípio do movimento e repouso.
>
> Para Aristóteles, uma criatura viva é substância. Enquanto que o corpo é matéria, a forma de alma. A alma (psiquê) é a estrutura do corpo, sua função e organização. Para Aristóteles, a psique controlava a reprodução, o movimento e a percepção. Em contraste, Aristóteles considerava a razão (nous) como a forma mais elevada de racionalidade.
>
> Pois acreditava que o motor imobilizado do universo era um nous cósmico. Aristóteles pensava que a alma era a forma do corpo. E, a alma era simplesmente a soma total das operações de um ser humano. Aristóteles acreditava existir uma hierarquia entre os seres vivos, assim, as plantas só têm uma alma vegetativa, os animais estão acima das plantas porque têm apetite, os seres humanos, por sua vez, estão acima dos animais porque têm o poder da razão (documento online).

O corpo nada mais é do que a matéria que carrega uma forma própria e sujeita a ação do tempo, a alma garante que essa forma seja constante nos seres, mantendo-os ser.

Entre os elementos da natureza há comparativamente uma certa diferença: as plantas possuem a alma vegetativa, isto é, seres que, não obstante o crescimento, são inamovíveis e não apresentam atividade cognitiva.

Já os animais, possuem a alma vegetativa acrescentando-se-lhes a alma sensitiva, que lhes permite poder responder de maneira adequada aos estímulos externos, seja com um ser humano seja com outro de sua espécie, que com ele forma sociedade.

Os seres humanos por sua vez, além das duas almas anteriores, possuem capacidade cognitiva, isto é, de acumular e transmitir seu pensamento, regular suas vontades, vencer a natureza, etc.

Seguindo a teoria da Tricotomia, os elementos do homem, de acordo com Conegero (2021) são:

> Corpo: o primeiro elemento é o corpo físico que interage com o ambiente e é energizado pelos elementos imateriais.
> Alma: o segundo elemento é a alma. Apesar de haver diferentes definições sobre a alma entre os tricotomistas, a ideia predominante é que a alma é o elemento psicológico, o fundamento da personalidade, a base da razão, a sede das emoções.
> Espírito: o terceiro elemento na tricotomia é o espírito. No tricotomismo o espírito é a fonte das qualidades espirituais do homem; e por isso é a parte essencial em seu relacionamento espiritual com Deus (documento online).

Com base nesta teoria, o espírito do homem é aquele que mantém o vínculo nos relacionamentos interpessoais, assim, é por meio do espírito que se constrói a personalidade do ser, devendo este se conectar com seu espírito para manter a vivência plena.

4. BIOGRAFIA DE EDITH STEIN

Em 12 de outubro de 1891 nasce Edith Thereza Hedwig Stein, na cidade de Breslau, antiga Alemanha, atualmente Polônia. Filha mais nova de uma numerosa família alemã de onze filhos e de rígida observância judaica.

Ainda em tenra idade Edith perde seu pai que veio a falecer em uma viagem a trabalho e quatro de seus irmãos nem chegou a conhecer, pois morreram ainda quando crianças. Após o falecimento do pai, a mãe assumiu os negócios do marido firmemente para o sustento próprio e de seus sete filhos.

Stein desde pequena se destacava pelo dom predominante da inteligência. Aos 14 anos, mudou-se para a casa da irmã mais velha para trabalhar até que a crise financeira passasse em sua cidade natal, Breslau, adiando o surgimento de uma mente brilhante ou enriquecendo, de fato, de coerência a vida da filósofa em seu pensamento.

Em 1913, foi em busca de responder seu grande anseio formativo, mesmo sem apoio de amigos e, principalmente, de sua mãe, transferiu-se para Gotting, onde lecionava Edmund Husserl, um grande filósofo e fenomenólogo.

> 1897 Ingresso na Escola Primária.
> 1911 Ingresso na universidade de Breslau.
> 1913 Transferência para Gotting e aluna e assistente de Husserl.
> 1921 Conversão ao catolicismo, após a leitura do Livro da Vida de Santa Tereza de Ávila.
> 1922 Batismo.

> 1923 Professora no Instituto Santa Maria Madalena, das Dominicanas em Speyer.
> 1931 Início como conferencista.
> 1934 Em Colônia, recebimento do hábito: Carmelita Teresa Benedita da Cruz.
> 1938 Refúgio no Carmelo de Echt (Holanda).
> 1942 2 de agosto - Morta na Câmara de Gás em Auschwitz.
> 1987 1° de maio – Beatificação em Colônia (Alemanha).
> 1998 11 de outubro- Canonização em Roma (Itália). (ROCHA, 2014. p.29).

Bastou pouco tempo para apaixonar-se pela filosofia e obter uma imagem respeitada por colegas e professores. Nesse momento de sua vida, Stein depara-se com uma crise existencial e de fé.

Conservava o desejo de formar família em um matrimônio duradouro: ‘‘Mesmo na total entrega ao trabalho, eu guardava sempre no coração a esperança de um grande amor e matrimônio feliz” (SCIADINI, 1999. p.14).

Stein, em 1915, voluntaria-se na Cruz Vermelha como enfermeira com o início da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), prestando serviço humanitário, tornando-se assistente de enfermeira em um hospital de doenças contagiosas.

> “Minha vida já não me pertence”: por natureza, Edith era inclinada à amizade, ao serviço e à generosidade... Sabia ver o que faltava ao próximo. Realizando os demais, sentia-se realizada. Sabia amar e fazer-se amada. Falava pouco de si... Seu sonho quase natural era o escondimento, que depois de sua conversão irá tornar-se o ideal de sua santidade escondida com Cristo em Deus (SCIADINI, 1999. p.14).

De acordo com Rocha (2014), entre os anos de 1923 e 1933, tornou-se professora, realizando um sonho de infância. Deu aulas de alemão, história, geografia e latim. Ao concluir o doutorado tentou seguir a carreira acadêmica, mas sua condição de mulher a impediu.

Passando-se os anos, Edith Stein ficou conhecida, principalmente em grupos de meninas católicas. Era muito elogiada por sua força e oratória. Sempre reconhecida por sua humildade, ganhava a cada dia mais valor, até o dia de sua morte, na data de 9 de agosto de 1942, em uma câmara de gás, infortúnio trazido pelos nazistas.

Assim, Edith Stein se tornou símbolo de muito louvor por seu exemplo de vida, foi uma mulher forte e corajosa, exemplo de fé e de mulher cristã.

5. A ANTROPOLOGIA DE EDITH STEIN

Edith Stein viveu entre os anos de 1891 a 1942 dedicando sua vida ao povo judaico, do qual fazia parte. Sua visão antropológica, filosófica e pedagógica, deixou inúmeros ensinamentos para as demais gerações de estudiosos.

De acordo com Sciadini (2008) o papa João Paulo II em sua encíclica, colocou Stein no universo dos grandes nomes do pensamento católico, juntamente com Santo Tomás de Aquino, dando-lhe destaque especial por seu contributo à ciência, vista com o olhar e com o coração feminino.

> O coração é o próprio centro da vida. Com esse termo, designamos o órgão corporal à cuja atividade a vida corporal está ligada. Mas com esse termo entendemos corriqueiramente também o íntimo da alma, claramente porque o coração é aquele que, de modo mais intenso, participa do que acontece no íntimo da alma, porque sem nenhum outro lugar dá para sentir de modo mais nítido a relação entre corpo e alma.
>
> No íntimo, a essência da alma irrompe para dentro. Quando o eu vive ali – na base do seu ser, onde ele percebe algo do sentido de seu ser e nota sua força reunida, antes de esta dividir-se em forças individuais. E se o eu vive a partir disso, vive uma vida em plenitude e alcança o ápice de seu ser. Os conteúdos captados fora e que penetram até lá permanecem não apenas como posse da memória, mas conseguem passar a ser “carne e sangue”. Assim, podem tornar-se uma fonte alentador de vida. No entanto, também é possível que algo estranho à essência penetre, corroendo a vida da alma e tornando-se para ela um perigo mortal, se ela não reunir todas as forças e o eliminar (STEIN, 2008, p. 49).

Percebe-se então, que Stein adota a ideia de que para a atividade da vida é preciso que haja os fatores, corpo, alma e, ainda, a consciência.

Quanto à consciência, Stein afirma que cada um deve possuir conhecimento acerca de si mesmo, ou pelo menos aprender a se conhecer, com o objetivo de saber onde e como pode encontrar a passividade. Sendo que a consciência e o intelecto estão diretamente ligados, portanto fazem parte do ser e da estrutura antropológica do ser humano, nesse sentido, Stein (2008, p. 58) destaca que:

> Quando o intelecto ousa seu extremo, então ele chega aos próprios limites. Retira-te para encontrar a verdade mais sublime e derradeira, e descobre que todo nosso conhecimento é incompleto. Então nosso orgulho se dobra, e assim vemos uma alternativa: ou o intelecto cai no desespero, ou se inclina com veneração diante da verdade imperscrutável e acolhe humildemente, na fé, o que a atividade natural do intelecto não é capaz de conquistar. Então, à luz da verdade eterna, o intelectual adquire a ideia exata de seu intelecto. Percebe que as verdades mais sublimes e derradeiras não são desvendadas pelo intelecto humano e que, nas questões mais essenciais, e por conseguinte, na formação prática da vida, uma criatura bem simples pode ser superior ao maior dos sábios, com base numa iluminação mais elevada. Por outro lado, ele reconhece o campo legítimo da atividade intelectual natural e desempenha ali seu trabalho, da mesma forma que o agricultor prepara sua terra como algo bom e útil, mas cercado por limites estreitos, qual toda obra humana.

“A consciência – é a consciência – sendo consciência do indivíduo possui ao mesmo tempo a universalidade. Ela é a interiorização de si e de toda a realidade ao mesmo tempo”, assim destacam Tassinari et al (2018, p. 21) sustentando ainda que cada consciência individual é, particularmente, toda a realidade interiorizada, ao mesmo tempo.

Na visão de Schutz (2012, p.69),

> O primeiro fato indubitável do qual se pode partir é a existência de uma consciência individual; o self individual, antes do que o próprio pensamento, deve ser tratado como o dado imediato da psicologia, e o fato universal da consciência não é a constatação de que ‘os sentimentos e pensamentos existem’, mas é o ‘eu penso’ e o ‘eu sinto’. Dentro de cada consciência pessoal o pensamento é contínuo e mutável, e, como tal, é comparável a um rio ou a uma torrente. ‘Torrente de vida consciente’, são termos que ambos os filósofos usam para caracterizar a essência da vida anterior.

Stein no que concerne a formação do ser, com base na antropologia, menciona dois fatores importantes para que esta se possa compreender: a matéria e a forma. Os dois fatores agem em conjunto, um necessita do outro, desta dualidade surge a força vital que dá vida ao corpo humano. É essa força que impulsiona o homem a agir e situar-se diante dos acontecimentos da vida.

De acordo com Campos (2016, p.39), forma é “o elemento que torna as substâncias sensíveis suscetíveis de serem expressas em conceitos “[...] assim, é a forma que define essas substâncias, colocando-as numa espécie, ou seja, a forma é a essência”.

Quanto à alma, Stein (2008), salienta que o lugar de onde se escuta a voz da consciência é o ponto central da alma e, por isso, é o lugar da livre decisão pessoal. A alma para Stein é uma coisa relacionada à imensidão do ser, algo que se localiza nas profundezas da pessoa. Trata-se de uma questão percebida somente nos seres humanos.

Stein com sua poderosa fé, afirma que o enriquecimento da alma se estabelece na união amorosa com Deus, para isso, faz-se necessária a entrega livre e pessoal, assim o que Deus deseja é a entrega de nossa vontade. Disso “surge igualmente a possibilidade de vivermos, a partir do ponto central da alma, a possibilidade de vivermos, a partir do ponto central da nossa vida, mesmo sem termos sido misticamente agraciados” (SCIADINI, 2008, p. 63).

É nessa esteira que segue o pensamento de Edith Stein, contudo, é importante frisar que, não obstante sua excelência em Filosofia, Stein (2003, p. 588, tradução nossa) é marcada não somente pela Filosofia de Husserl, mas, sobretudo, pela metafísica cristã:

> Uma antropologia que não levasse em conta a relação do homem com Deus não seria completa, não poderia servir de base para a pedagogia. [...] A antropologia filosófica, assim, pois, necessita do complemento da antropologia teológica (STEIN, 2003, p. 588).

Admite, pois, a estrutura da pessoa humana como corpo, alma e espírito, conforme a clássica concepção de Santo Tomás de Aquino. Assim, postula o homem como "corpo material, como ser vivo, ser animado, ser espiritual- microcosmo" (STEIN, 2003, p. 589).

Por isso conhecer seu próprio espírito e buscar viver suas disposições naturais, na busca de si mesmo – e, consequentemente do outro – é encontrar o próprio centro da própria existência individual:

> Pode-se e deve-se dizer que o núcleo da pessoa seria potencial em relação à vida atual, ou seja, em relação à vida espiritual consciente e também em relação ao curso de desenvolvimento a isso unido [...] o núcleo da pessoa é o fundamento para a sua vida atual (STEIN, apud SBERGA, 2015, p. 93).

Essa compreensão, mais do que uma mera busca humana é, na realidade, uma imposição antropológica. Uma necessidade de autêntica espiritualidade em que se buscam não tanto fora de si mesmo as respostas às suas próprias angústias pessoais, mas sim, no mais profundo de si. O que se dá somente, como fora dito, num autoconhecimento da alma humana e suas potencialidades e não num fechamento completo.

Dessa forma, evidencia-se o intelecto como parte do ser, da consciência do indivíduo, sendo algo inerente à condição humana. Tal fator será essencial na evolução do próprio ser e o ajudará a adquirir as mais diversas artes, porque isso faz parte de seu ofício natural.

6. A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E O ESPÍRITO

O filósofo brasileiro Henrique Cláudio Lima Vaz (1921-2002), defendia que o homem é essencialmente um ser espiritual, e que na vida só haveria sentido se vivida pelos ditames do espírito.

Lima Vaz (2006) caracteriza o homem como um ser estrutural trial, e por isso, o homem é um ser aberto para relações. Assim, o sujeito humano se relaciona com o mundo por meio do seu espírito.

Pela sua característica trial, o ser humano possuí a pisque como um fio que liga o corpo ao seu espírito, nesse sentido

> pode-se afirmar que o psiquismo é o modo de interiorização da realidade no contato com o mundo externo. Sua posição é mediadora do corpo próprio (exterioridade) com o Espírito (interioridade absoluta). Diz-se aqui que há um movimento dialético entre interioridade e exterioridade. A primeira é construída a partir da realidade exterior. Assim, o psiquismo capta o mundo exterior e reconstrói o mundo intra-psiquico. Citando o pensamento de Edith Stein, diz que: “A psique pode ser compreendida como a dimensão da interioridade que se expressa na corporeidade e como expressão dos atos espirituais que podem direcionar as vivências propriamente psíquicas” (JÚNIOR e MAHFOUD, 2008, p.12).

Gonzaga (2021), a partir de visão de Lima Vaz classifica o espírito sobre quatro temas: *pneûma, noûs, logos e synesis*.

A *pneûma* é, na conceituação partindo da tradição bíblica, entendida como uma noção de espírito enquanto força vital, dinamismo organizador próprio ou forma superior da vida. Trazendo a distinção do homem relativamente aos animais, pois é o único a possuí-lo, que o torna um ser transcendental, capaz de elevar sua existência ao plano superior, onde será encontrada a paz, o amor e o divino.

Já o *noûs* entende o espírito como atividade de contemplação (*theoría*), modo mais alto do conhecimento (GONZAGA, 2021). Por isso, atribui ao espírito do homem a gloria do saber, do conhecimento, do desvendar e alcançar o inalcançável.

Logos, por sua vez, é o espírito como razão universal, ordem da razão ou ainda como palavra inteligível. Por fim, *synesis* refere-se à interpretação de Sócrates do preceito délfico do “conhece-te a ti mesmo” (*gnôthi seautón)*, ou seja, dá o entendimento do autoconhecimento, levando o indivíduo a olhar para dentro de si e comtemplar seu espírito.

Assim, Platão faz apologia a Sócrates e chama a sociedade para que cuide de si, por isso,

> Não faço outra coisa, em verdade, com este meu andar, senão persuadir a vós, jovens e velhos, que não deveis cuidar nem do corpo, nem das riquezas, nem de qualquer outra coisa antes e mais que da alma, para que ela se torne ótima e virtuosíssima, e que das riquezas não nasce virtude, mas da virtude nascem as riquezas e toda as outras coisas que são bens para os homens, tanto para os cidadãos individualmente como para o Estado (PLATÃO, 1996, p.81).

Voltando para o pensamento de Stein, corroborando com Lima Vaz, ela afirma que o espírito do homem possibilita a abertura para outros indivíduos. Desta forma, nesse processo as pessoas vivenciam o encontro com a realidade, e a partir disso, vivem suas emoções e experimentam sensações (STEIN, 1994).

Portanto, é pelo espírito que o ser humano conhece a sua realidade e aprende com ela, possibilitando uma reflexão da liberdade, reconhecendo o seu meio e abrindo os olhos para os elementos essenciais que constituem a sociedade.

> O bom senso é a coisa mais bem repartida do mundo, porque todos pensam estar tão bem providos dele que mesmo os que mais custam a contentar-se com qualquer coisa, não costumam desejar mais do que a sensatez que têm; e, nesse ponto, parece que todos têm razão, pois, em princípio, isto prova que o poder de bem julgar e distinguir o verdadeiro do falso, que é exatamente o chamado bom senso ou razão, é, naturalmente, igual em todos os homens, do que resulta que a diversidade de opiniões existe, não porque uns são mais sensatos que outros, mas somente por conduzirmos nossos pensamentos por diversos caminhos e não considerarmos as mesmas coisas. Por isso, não é bastante ter espírito lúcido, mas o principal é aplicá-lo bem. (DESCARTES, 2006, p.29).

Agindo pelo espírito é que o indivíduo é capaz de encontrar a sua personalidade, desenvolvendo suas ideias e as propagar pela sociedade. Atualmente, observa-se que o homem se tem distanciado do seu espírito, na medida em que se embrenha na materialidade, no ilusório e na era digital.

A tecnologia que aproxima nações e encurta distâncias faz com que a sociedade possa estar completamente conectada e todos os assuntos e em todos os lugares a qualquer momento, porém, ao mesmo tempo em que proporciona toda essa conexão, faz com que o indivíduo se enclausure numa própria prisão.

O homem é um ser social, como é possível observar ao longo da pesquisa, o espírito é intrínseco à sociabilidade do ser. Assim, ao avançar a conexão virtual, distancia-se do seu ser espiritual.

A professora Lucília de Sousa (2018), da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP) da Universidade de São Paulo (USP), em entrevista diz:

> A lógica da internet, que é a lógica dos elos, dos links, dos nós, modificou nossa forma de organizar o estudo, o lazer, a vida, a militância política. Então

> podemos sim dizer que a sociedade está planetariamente conectada. Por outro lado, existe uma contradição: ao mesmo tempo em que é possível falar com tudo, acessar tudo, temos a tecnologia produzindo um isolamento muito grande. Muitas vezes a praça, os espaços socialmente compartilhados, a sala de aula são locais em que se está junto sem estar inteiramente junto. As pessoas constroem o isolamento em seus casulos, que são seus aparelhos celulares.
>
> Tenho trabalhado com a hipótese de que o corpo, a presença física, nos situa socialmente, coloca freio. Quando estou sozinho em casa, não tenho o corpo do outro, tenho uma tela que aparentemente me protege de uma certa identidade. É como se ali eu pudesse soltar os demônios. O que me assusta é que isso às vezes vem de sujeitos navegadores que a gente teria acima de qualquer suspeita (documento online).

A filósofa Edith Stein afirma que é uma característica da sociedade os indivíduos que a compõem agirem por interesse, se relacionando uns com os outros somente quando há um objetivo pré-definido. Neste tipo de relação, a pessoa considera a outra como um objeto devido ao caráter mecânico e puramente racional das relações sociais, na qual cada um considera a si mesmo e ao outro como um meio para se atingir um objetivo no qual a sociedade inteira se submete (JÚNIOR e MAHFOUD, 2008).

A própria ação de se estar inserido numa sociedade, já evidencia tal interesse, uma vez que o isolamento pleno do indivíduo, ou seja, sem absolutamente nenhuma influência humana e cultural, torna-se um fator resultante e exato de sua extinção, voltando então ao estágio primitivo.

Assim, pelo fato da tecnologia e as redes sociais tomarem o espaço do convívio social presencial, os relacionamentos interpessoais estão cada vez mais frios, tornando a sociedade individualista e afastada do seu plano espiritual. “Edith Stein, empaticamente percebe o quanto a humanidade precisa de afeto e carinho para que possa desenvolver o melhor da sua estrutura corporal, psicofísica e espiritual” (BAREA, 2015 p. 106).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o conceito de que o homem é um ser estrutural, e que sua estrutura é dividida em corpo, alma e espirito, pode-se concluir que o espirito é o responsável pela interação do corpo com o meio externo.

Assim, o indivíduo é capaz de manter relações interpessoais, expandido seu liame interior, criando conexões externas com outros indivíduos e conseguindo fazer crescer

seu eu, seu estado emocional interno, no qual faz com que o ser humano seja único e crie a sua personalidade.

Por essa ótica, analisam-se os pensamentos de Edith Stein, que em vida deu exemplo de ser uma mulher forte, católica, inteligente e estudiosa. A partir da visão dela, pode-se afirmar que o ser humano deve desenvolver seu espírito para alcançar as coisas divinas.

O homem é por natureza um ser social, por isso, depende dos relacionamentos com outros indivíduos para se desenvolver. A sociedade como um todo deve se conectar para alcançar os objetivos, pois como é sabido, o homem depende da sociedade para sobreviver.

A vida em sociedade é mais que uma escolha, é um modo de sobrevivência, assim, como acreditava Edith Stein, a sociedade deve ser tratada com zelo, porém, atualmente, com a ascensão da tecnologia, sobre tudo das redes sociais, o homem tem se afastado do seu semelhante, consequentemente, se afastando de si mesmo.

O presente artigo se mostra relevante ao explanar as situações que são proporcionadas pelo frenesi de uma sociedade em crise ética, moral, política, econômica, antropológica. Crises que afetam as pessoas mais comuns, de maneira concreta, de variados modos e indistintamente.

Uma possível solução a tantos dilemas pode estar ao alcance das pessoas, já que, em geral, essa crise é fruto da inexistência de um verdadeiro e real – não virtual – olhar para si mesmo, mais ao interior do sujeito, isto é, de sua unidade antropológica: corpo, alma e espírito.

Segundo Stein, tudo ao redor depende da qualidade da alma, por isso, os indivíduos devem se concentrar mais no convívio social, ajudando a modificar e sanar os obstáculos que encontram na sociedade, fazendo assim uma auto análise para decifrar os dilemas da vida.

REFERÊNCIAS

BAREA, Rudimar. **O Tema da Empatia em Edith Stein**. Dissertação de Mestrado. Santa Maria, 2015.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

CAMPOS, Sávio Laet de Barros Campos. **A Existência do Deus Criador em Tomás de Aquino.** 1. ed. Porto Alegre, RS: Editora Fi: 2016.

CONEGERO, Daniel. **O Que é Dicotomia e Qual o Significado de Tricotomia?** Disponível em: https://estiloadoracao.com/significado-de-dicotomia-e-tricotomia/. Acesso em 15 de out. de 2021.

DESCARTES, R. **Discurso do método. Tradução Lourdes Nascimento Franco**. São Paulo: Ícone, 2006.

DURKHEIM, É. **As Regras do Método Sociológico.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

JÚNIOR, A. G. C.; MAHFOUD, M. **A relação pessoa-comunidade na obra de Edith Stein**. Artigo disponível em: http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a11/ coelhomahfoud01.htm. Acesso em 20 de out. 2008.

KUSANO, Mariana Bar. **A antropologia de Edith Stein.** São Paulo: Ideias & Letras,2014.

LEITE, Gisele. **A Dualidade da Existência Humana.** Disponível em: https://www.jornaljurid.com.br/colunas/gisele-leite/a-dualidade-da-existencia-humana

NOGUEIRA, Helder. **Sociedade, o que é e como surgiu**. Disponível em: https://professorheldernogueira.com.br/sociedade-o-que-e-e-como-surgiu. Acesso em 17 de out. de 2021.

PLATÃO**. A República**. Tradução de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2003.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

ROCHA, Magna Celi Mendes da. **O sentindo de formação em Edith Stein: fundamento teórico para uma educação integral**. Doutorado em educação: 2014.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Do Contrato Social. ed. especial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

SBERGA, Adair Aparecida. **A formação da pessoa em Edith Stein**. São Paulo: Paulus, 2015.

SCIADINI, Frei Patrício. **Edith Stein**. 14°. Ed. Loyola, 1999.

SCIADINI, Patrício. **Edith Stein, na Força da Cruz: Edição de textos de Waltraud Herbstrith**. 3. ed. Rev. e Atual. São Paulo, SP: Editora Cidade Nova, 2008.

SHULTZ, Alfred. **Sobre fenomenologia e relações sociais.** 1. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozez, 2012.

SIMON, Herbert. **A Razão nas Coisas Humanas**. 1° ed. Lisboa: Gradiva, 1989.

SOUZA, Lucília de. **Influência da Tecnologia nas Relações**. Disponível em: https://jornal.usp.br/radio-usp/radioagencia-usp/influencia-da-tecnologia-naselacoes-e-tema-do-usp-analisa/. Acesso em 10 de out. de 2021.

STEIN, Edith. "**Estructura de la persona humana**". In: Obras completas: Escritos antropológicos y pedagógicos. V.4. Madri/Burgos: Vitória Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidade e Editorial Monte Carmelo, 2003b, p. 553-588.

STEIN, Edith. ***La struttura della persona umana***. (M. D'Ambra, Trad.). Roma: Città Nuova. (Original publicado em 1932-33, Publicação póstuma de 1994).

VAZ, H. C. L.. **Antropologia Filosófica** *I*. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2006.